

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO- CETREDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR**

INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

FRANCISCO JOSÉ ALVES FERREIRA

**FORTALEZA-GEARÁ
2010**

INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

FRANCISCO JOSÉ ALVES FERREIRA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

FORTALEZA-2010

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Francisco José Alves Ferreira

MONOGRAFIA APROVADA EM _____/_____/_____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira L.D.

RESUMO

É através da educação que o homem aperfeiçoa-se e evolui. Se a educação é permeada por relações entre diferentes gerações e, na escola, entre professor e aluno é estreito o vínculo entre disciplina e essa relação. O impor limites agirá como obtenção de um respeito mútuo aos adultos, necessário na educação das crianças. Limites esses, que devem ser impostos por pais e professores. A moral que fundamenta a disciplina, portanto, é fundada no respeito sem restrições ao adulto e às regras sociais: permitindo, e até exigindo, o controle e a imposição de limites através de condutas coercitivas e punitivas. A educação familiar pode ser corrompida devido aos problemas encontrados socialmente e, dessa forma, a educação escolar é a que tem mais possibilidades sobre educar moralmente, pois reúne duas coisas: a instituição e a cultura moral. O papel da educação escolar, portanto, é o de instruir e disciplinar. A escola deve ser um local onde a educação é legitimada. É neste espaço que a educação pode se dar com vista à cooperação, posto que é na escola onde os relacionamentos interpessoais são uma constante, a educação é como um processo de emancipação do homem, ou seja, de aperfeiçoamento.

Discutindo a disciplina como respeito à normas ou regras, é inegável a importância e a necessidade da existência das regras para garantir a eficácia da prática educativa e a harmonia nas relações; mas, nem toda regra tem relação com a moralidade. Como palco da relação entre indisciplina e desenvolvimento moral, a escola também é o ambiente que pode possibilitar a resolução dos conflitos que se apresentam, justamente na forma de lidar com conflitos e situações cotidianas. Este artigo tem como objetivo principal trazer uma reflexão sobre os fatores que podem provocar a indisciplina no cotidiano da escola atual, que tem sido vista como problema, como desvio das normas disseminadas nos sistemas escolares, que inviabiliza a prática educacional. Associada à desordem, ao desrespeito a regras de conduta e à falta de limites, a indisciplina é, frequentemente, centralizada no aluno, o que evidencia um modo individualizante de lidar com questões produtoras/produzidas do/no cotidiano escolar. Inicialmente, coloca-se em discussão o próprio conceito de indisciplina, explorando-se, a seguir, algumas das suas causas, analisadas através de pesquisas em livros, revistas, sites especializados, bem como estudos de caso e análises de escolas públicas. Após as análises das pesquisas, destacamos o enfoque preventivo como estratégia mais adequada para enfrentar o problema e enfatizamos a necessidade de uma postura compartilhada em relação à indisciplina, na forma de uma política definida em bases democráticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. Disciplina Escolar.....	8
1.1. Delimitação do Conceito.....	10
1.2. A Disciplina e Indisciplina Escolar.....	12
2. Fatores que influenciam no desenvolvimento do caráter da criança.....	21
2.1. A Família.....	21
2.2. A Escola.....	25
2.2.1. Crises na Educação.....	25
2.2.2. Aspectos relacionados ao ambiente escolar.....	27
2.3. A Mídia.....	28
2.4. Os professores.....	28
3. Causas da indisciplina pública.....	29
3.1. A indisciplina centrada nos alunos.....	30
3.2. A indisciplina centrada na família.....	30
3.3. A indisciplina centrada na instituição educativa.....	31
3.4. A influência dos grupos e das turmas na indisciplina.....	32

4. Violência na escola e violência na família.....	34
4.1. Conceito de Bullying: Violência no ambiente escolar.....	35
4.1.1. Estilos comuns de Bullying.....	36
4.1.1.1. Colisões de frente.....	36
4.1.1.2. Colisão traseira.....	38
4.1.1.3. Acelera, diminui: O controlador.....	40
4.1.1.4. Óleo na pista.....	42
4.1.1.5. Jogar para fora da estrada.....	43
4.1.2. Os Bullies são especialistas em seu comportamento.....	44
4.2. Violência na família: Um estudo de caso.....	45
5. Disciplina: prevenção é melhor que punição.....	58
5.1. A postura do educador.....	59
5.2. Estilos de ensino.....	61
5.3. Aprimorando o estilo de ensino.....	62
5.4. A importância de procurar as causas da indisciplina.....	62
5.5. A disciplina que desejamos.....	64
5.6. Dicas e formas de mediação.....	65
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

INTRODUÇÃO

A escola e a família são dois sistemas que, tradicionalmente, têm estado bastante afastados, apesar de possuírem frequentes relações ou interações, seja em nível institucional (associação de pais, conselho escolar, etc.) ou em nível individual (relação família/professor). A escola, como sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social, torna-se uma instituição que recebe de outras instituições e na qual convivem diversas formas de agir, muitas vezes desordenadas e frequentemente contraditórias. Também os pais, com diferentes condições sócio-culturais, costumam esperar da escola tarefas educativas muito diversas e, até mesmo, que a escola assuma ações que seriam próprias da família.

É importante que a família defina que tipo de escola deseja para seu filho, no que concerne a aspectos como filosofia, métodos e regras disciplinares. A escola também precisa conhecer quais os valores e expectativas dos pais, para que possa saber se as concepções que permeiam tais expectativas favorecem o entendimento entre ambos, uma vez que a escola e a família são duas instituições nas quais os jovens passam a maior parte de suas vidas.

A disciplina pode ser concebida como uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada. Mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Nesse sentido, falar de indisciplina é evidenciar o não cumprimento de regras estabelecidas. A disciplina também pode ser vista como o controle do indivíduo no tempo. No entanto, aplicar esse conceito em educação é um tanto quanto perigoso.

É frequente a afirmação, por parte dos professores, que os alunos de hoje são indisciplinados, evocando um saudosismo de uma suposta educação de antigamente, que estabelecia parâmetros rígidos para o uso do corpo e da mente.

Por outro lado, certos comportamentos podem ser considerados por alguns professores como indisciplina, enquanto que, para outros, correspondem apenas a um excesso de vitalidade. Assim, a suposta indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de gerir e administrar novas formas de existência social concreta, que surgem no seu interior, em decorrência das transformações do perfil de sua clientela.

1. DISCIPLINA ESCOLAR

No contexto escolar existiriam diversos fatores relacionados às expressões de indisciplina, tais como o desempenho cognitivo dos alunos, suas formas de socialização e as condutas que exercem nas escolas. Para Garcia (1999) as expressões de indisciplina tem sido relacionadas a fatores internos ou externos à escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, aos modos de relacionamento entre alunos e professores e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos destacam-se a violência social, a influência da mídia e o ambiente familiar dos alunos.

Entende-se que a indisciplina guarda relações com todo o cenário educacional e envolve diversos fatores em sua produção social. O estudo da percepção dos professores, portanto, fornece uma perspectiva sobre o processo de construção social da indisciplina, que pode ajudar particularmente a possibilidade de sua desconstrução. Alguns autores nos sugerem pensar o processo de elaboração dos saberes sociais dos professores como algo indissociável de suas práticas, do modo como, no cotidiano, eles são, fazem, pensam e dizem. Em suas práticas pedagógicas os professores mobilizam saberes muitas vezes ancorados apenas em suas crenças e valores, segundo modos de percepção.

A percepção social dos professores sobre a indisciplina nas escolas é um território ainda mais pressuposto que mapeado na literatura educacional. A concepção de indisciplina que predomina no discurso educacional expressa como são pensados os processos sociais que estariam na base da indisciplina. O processo de elaboração da construção social da indisciplina é complexo e depende do contexto onde está inserido. Assim, as crenças dos professores acerca das expressões de indisciplina colaboram naquela construção, mas são instáveis, nem sempre enxergando como indisciplina os mesmos eventos em contextos diferentes.

Uma outra perspectiva sugere que a percepção social é uma forma pela qual as pessoas mantêm contato com o mundo em que vivem. A percepção necessita de diferentes ocasiões para se transformar em conhecimento e, enquanto um processo ativo, origina-se da relação entre sujeito e objeto. Assim, o que vai ser denominado indisciplina, nas escolas, precisa ser pensado como uma construção social que ocorre através das interações entre professores e alunos, entre outros fatores, em um ambiente cultural de interação, a escola, que significa um mundo que é significado também pela existência de indisciplina. No ambiente escolar o entendimento dos professores sobre as expressões de indisciplina acabam adquirindo várias conotações.

Em uma pesquisa realizada por Oliveira (2002), a percepção de indisciplina entre professores, engloba: não respeitar professores e colegas, não cumprir regras pré-estabelecidas, ser mal comportado, malcriado, perturbar o trabalho dos colegas e professores, fazer barulho, não permitir o bom andamento da aula, falar o tempo todo, provocar desordens, boicotar as aulas, faltar constantemente, rebeldia à autoridade e ofender os colegas e professores. O trabalho de Oliveira (2002) apresenta a indisciplina interpretada pelos professores segundo uma sinuosa leitura comportamental. Assim, por exemplo, algumas expressões de barulho ou conversa, são indisciplinas, mas o silêncio não tende a ser pensado como tal.

Grande parte dos nossos conhecimentos são recebidos através de nossos pais, professores e das pessoas mais velhas, e que adquirimos certa visão de mundo e uma série de tipificações e modos de tipificar admitidos pelo grupo social onde nascemos e crescemos, que são os costumes, os hábitos e modos típicos de se comportar, com objetivo de alcançar certos fins típicos. O fato de recebermos este conhecimento implicará nas percepções, ou seja, na maneira de percebermos os objetos e o ambiente social que nos rodeia.

A percepção dos professores acerca da indisciplina escolar, poderia resultar desse conhecimento que faz parte de suas crenças, experiências culturais e de seus valores. O conhecimento recebido ao longo dos anos orienta a

interpretação de mundo e todas as possibilidades de ações e projetos futuros, tanto teóricos quanto prático. A percepção sobre indisciplina poderia, assim, nos dizer sobre valores, crenças e referências culturais afinal anacrônicas. Estaríamos pensando a indisciplina segundo métodos de percepção que, apesar de operantes, teriam seu prazo de validade expirado?

1.1. Delimitação do Conceito

Desde que o tema da disciplina escolar começou a ser vislumbrado na Espanha como uma questão de interesse educativo e não tanto, ou não estritamente, como uma exigência destinada a fortalecer os corpos e espíritos infantis, produziram-se inúmeras mudanças, tanto no que diz respeito a formulações conceituais como a possíveis aplicações do tema.

Durante o tempo transcorrido, as formulações sobre a disciplina escolar foram numerosas, embora, em nossa opinião, basicamente coincidentes, visto que enfatizam o caráter terapêutico do tema, isto é, abordam o tema da disciplina com relação aos problemas de comportamento que os alunos podem apresentar, em vez de optar por uma proposta de formação na convivência e no respeito aos demais, ou, o que é mesma coisa, por um enfoque preventivo-educativo.

Assim, é simples explicar por que as contribuições formuladas a partir da modificação de conduta – que partem do comportamento que é objeto de intervenção ou mudança – alimentaram e, em boa medida, continuam alimentando grande parte do interesse pelo sempre difícil e espinhoso tema do controle do comportamento dos alunos.

Adicionalmente, embora em menor proporção, a aproximação do caráter humanista dessa questão gozou de grande prestígio entre diversos setores educacionais. Em qualquer caso, as duas posturas têm em comum um aspecto

que nos parece oportuno destacar: seja através da manipulação direta de circunstâncias externas ao aluno, como é o caso da modificação de conduta, seja mediante a indução ou o convencimento do aluno que busca as posturas humanistas, trata-se de mudar comportamentos.

Certamente, os meios não são os mesmos, o que, sem dúvida nenhuma, estabelece diferenças importantes, mas o objetivo e, nesse sentido, a conceituação última do que era aprova que servia a disciplina escolar eram totalmente coincidentes: modificar o comportamento do aluno para ajustá-lo às exigências estabelecidas por aqueles que, sendo responsáveis pelo funcionamento escolar, zelavam por seu cumprimento.

Pode-se pensar, e com razão, que o que se expôs até aqui peca pelo reducionismo quando se levam em conta muitas discussões e propostas sobre a disciplina escolar. Contudo, e em linhas gerais, nem umas nem outras foram mais longe, e mantiveram-se firmes em sua crença, mais ou menos explícita, do que a disciplina escolar não é senão um sistema que regula o comportamento dos alunos mediante o estabelecimento de mecanismos – aqui já assinalamos as diferenças – os quais tornam possível a ordem no ensino, mediante a correção sugerida ou diretamente exercida das atitudes consideradas perturbadoras para essa ordem.

Definitivamente, vale a pena insistir em que a multiplicidade de trabalhos realizados sobre o que, em geral, denominamos disciplina escolar caracterizou-se tradicionalmente por compartilhar um enfoque terapêutico do tema. A disciplina na escola ou na sala de aula é apresentada, na maioria das vezes, como um problema a ser solucionado, de maneira que as propostas que se oferecem sobre o tema são principalmente, formas possíveis de abordar os fracassos que já se produziram no sistema escolar. Isto é, o conceito de disciplina representa, em última instância, um “mal menor” que é preciso aceitar no interesse da funcionalidade dos grupos, nesse caso, de alunos.

1.2. DISCIPLINA E INDISCIPLINA ESCOLAR

Diversos trabalhos tratam de analisar as definições de disciplina por diversos autores e, se é certo que se observam diferenças significativas entre as diversas propostas, não é menos certo que, em boa parte, apresentam duas características que merecem ser destacadas e, que de certo modo, as igualam. Em primeiro lugar, e talvez com exceção de Tanner (1980) e naturalmente de Doyle (1986), trata-se de definições que, embora ocupando-se da disciplina no contexto escolar, não parecem levar em consideração os aspectos psicológicos do ensino do tema, isto é, formulam a questão da disciplina independentemente de se referir ao estabelecimento da ordem na sala aula ou em outro contexto cujos objetivos em nada se relacionam com processos de ensino-aprendizagem. Em segundo lugar, a maioria assinala o caráter sociocultural do tema, insistindo em suas relações com conceitos como de poder, de autoridade, etc. e, no entanto, omitem sistematicamente seu valor como variável mediadora e facilitadora do êxito no ensino.

Definitivamente, e embora nas definições mencionadas se falasse de escola, sala de aula, aluno, etc. até bem pouco tempo, o tema da disciplina havia sido desenvolvido a partir de um enfoque propriamente psicoeducativo. Mesmo assim, a ênfase continua sendo maior no termo “reparação” do que no termo “otimização”, diferença nada desprezível se levarmos em conta que, a cada um deles, subjazem conceituações opostas de que é e do que pretende a atuação psicoeducativa.

A idéia de que a disciplina que se pratica nos meios escolares está indissociavelmente ligada à consecução dos propósitos que orientam os processos de ensino é estranha para muitos de seus usuários. São muitos os professores para os quais o termo disciplina conserva um gosto amargo, uma mistura de repressão, de rigidez e de intolerância. Eles consideram que sua formulação e, nível educativo não deixa de ser algo que idealmente deveria ser

evitado, embora a realidade obrigue a usar, convertendo-se assim no inevitável que ninguém deseja. Dessa atitude de recusa às chamadas práticas de disciplina e da incompreensível falta de preparo para enfrentar o tema, as quais ainda se observam na maioria dos professores, decorrem práticas não apenas inadequadas, mas, no fim das contas, errôneas.

Estrela (1992, p.62), em uma análise realizada sobre a evolução do conceito de disciplina, segundo algumas das principais correntes pedagógicas desenvolvidas ao longo do século XX, assinala as transformações que se produziram desde as propostas que defendiam a disciplina repressiva imposta pelo professor até aquela apresentavam a autodisciplina como forma de autocontrole e regulação dos próprios comportamentos, passando pelos casos de disciplina consentida aluno que, seduzido pelos adultos, aceita-a e colabora em sua aplicação.

Contudo, a evolução assinalada não faz senão por em evidência que o conceito de disciplina está indissociavelmente ligado à idéia de opressão e falta de liberdade e, por isso, sua redenção só é possível se contar com a total convivência e aquiescência dos que estão submetidos à ela. Assim, se os próprios alunos aceitam colaborar com o sistema disciplinar da sala de aula, as conotações negativas do termo parecem minorar e se, por conseguinte, aceitam responsabilizar-se por seu controle pessoal, o termo disciplina parece ter purgado todas as suas culpas. Em outras palavras, o termo disciplina ainda incute medo e recusa, não somente nos alunos como em boa parte dos professores. Estes apenas parecem sentir-se um pouco mais reconfortados quando a disciplina é associada a seu fim último, o mais distante e difícil de alcançar: a autodisciplina.

A constatação de atitudes de temor associados ao exercício da disciplina que os professores experimentam é um aspecto de sumo interesse, já que oferece pistas valiosas para o tratamento do tema. Não se trata unicamente da formação relativa a que estratégias de disciplina devem ser utilizadas na sala de aula para manter a ordem e para evitar o aparecimento de problemas de

comportamento em função de sua ausência. Para tratarmos a disciplina adequadamente, precisamos considerar toda formulação que se faça a seu respeito, inspirada em preconceitos do tipo: “melhor evitar as estratégias de disciplina, já que com isso limita-se a liberdade dos alunos”, “deve-se recorrer à disciplina quando não restar outra solução, como um mal menor, etc. Agindo dessa forma, inadequada e incorreta, o que conseguiremos, no melhor dos casos, é um rendimento muito inferior ao possível e desejável.

Isso implica que a primeira tarefa a realizar é a de repor e reformular o tema, destacando sua importância na situação de ensino e sua implicação inevitável no desenvolvimento dos processos ensino-aprendizagem que nela são levados a cabo. À primeira vista, pode parecer que a proposta de iniciar assim um atividade de formação dirigida aos professores é excessivamente conceitual e desprovida de atrativo prático, que tão insistentemente se solicita quando se trata do tema; porém, acreditamos que, sem uma autêntica modificação de atitudes em relação a ele, muito pouco se pode avançar, já que mesmo as estratégias mais simples – e nem todas o são – que logo se terá de por em prática requerem um ponto de partida coerente e uma ampla engrenagem na prática docente e na vida da sala de aula considerada em sua globalidade.

O conceito de indisciplina escolar aparece na literatura acadêmica a partir da década de 80 e, desde então, seu conceito foi sendo considerado de diversas maneiras, em diferentes momentos e lugares, porém, ela não surgiu isolada no ambiente da escola e, ao longo do tempo, vem demonstrando algumas relações com a organização escolar, com as práticas pedagógicas, com a autoridade docente, entre outras.

E, ainda que os professores não estejam preparados para superá-la, a indisciplina é um dos principais desafios que perpassam a escola (GARCIA, 2001, p. 381). Dentro do complexo universo conceitual de indisciplina, Rego (1996, p. 84) afirma que “o próprio conceito de indisciplina não é estático, uniforme, nem tão pouco universal”. O mesmo autor aponta que o conceito se relaciona com vários aspectos ao longo da história, variando dentro das

diferentes sociedades, culturas, instituições escolares, classes sociais e até mesmo pode ser compreendido diferentemente por cada pessoa e em cada contexto específico.

Carvalho (1996, p. 130) afirma que a disciplina e a indisciplina “assim como várias outras expressões de uso corrente por parte dos agentes institucionais da educação, têm profundas raízes históricas e múltiplos usos igualmente legítimos”. Tratamos aqui de uma construção que vai se modificando ao longo do tempo ou que, pelo menos, promova uma abertura no horizonte de compreensão.

Primeiramente, vamos verificar alguns conceitos de *indisciplina escolar*, dentro de duas perspectivas. A primeira refere-se à noção de indisciplina e está atrelada à de disciplina. A segunda está relacionada às questões de indisciplina e poder. Na sequência, estudaremos alguns apontamentos que se referem ao conceito de autoridade e, ao final, apresentaremos algumas interferências que o conceito de indisciplina pode sugerir ao de autoridade.

Entretanto, indagamos se a indisciplina não se faz necessária na escola, uma vez que ela pode estar nos fazendo repensar sobre os esquemas de disciplina, currículo, metodologia, relacionamentos, entre outras possibilidades.

Na busca pela compreensão do termo *indisciplina*, observamos que sua origem se dá no termo *disciplina*. La Taille (1996, p.10) conceitua indisciplina escolar a partir do significado de disciplina, chamando atenção para a complexidade e ambiguidade próprias do tema, isto é, para a idéia de que o conceito depende de como se concebe atualmente a questão. A idéia conceitual é variável ainda no tempo e no espaço, pois depende da interpretação social, da construção que temos diante daquilo que queremos analisar e compreender, mas também destaca que a disciplina é essencial para o cotidiano escolar.

Para Estrela (2002, p.17), o termo “indisciplina” também está ligado ao termo “disciplina”, que é marcado pela polissemia. Para a mesma autora, partindo da origem latina de disciplina é que compreendemos indisciplina, mas sempre

observando o contexto sócio-histórico em que esta ocorre. Por isso, apontamos a relevância de apresentar a leitura etimológica dentro da idéia de uma análise conceitual, pois ao investigarmos a noção de indisciplina, passamos pela discussão sobre disciplina.

Analisando o que seja o termo disciplina, Garcia (2006, p.70) realiza uma leitura etimológica da palavra “disciplina” e encontra, primeiramente, “duas matrizes possíveis de significado”. Uma advinda de *discipulus* “aluno, discípulo” e interpretada como “um indivíduo que se apropria de algo que lhe está sendo mostrado e indicado — daí o sentido de discípulo como aquele que aprende”.

Sendo assim, o discípulo, quando se apropria de algo ensinado, é capaz de mudar de lugar, mas com um crescimento agregado a si e, dessa forma, é que ele se desloca para outro patamar. Essa mudança de lugar será direcionada pelo ensino e o professor ocupará uma posição de destaque, pois é ele quem lidera e guia este trajeto. A segunda matriz etimológica, também de origem latina, possui o elemento de composição *disc-*, do verbo *disco*, que significa “aprender, ensinar, tornar-se familiarizado”, guardando “relações com os termos educar e docência, com os quais compartilha um sentido de transformação” (GARCIA, 2006, p. 42).

Ainda na visão etimológica, apontamos que o termo disciplina no período medieval relacionou-se com a idéia de castigo, punição. Apenas mais tarde, a disciplina aparece como ramo do conhecimento, ou seja, enquanto uma unidade curricular que deve ser ensinada e aprendida, como a Matemática, a História e a Geografia. Além disso, o entendimento associa-se, posteriormente, à noção de controle sobre a conduta (GARCIA, 2006).

Como decorrência, os padrões estabelecidos para a disciplina do aluno, assim como os critérios adotados para identificar a indisciplina guardam relações com a noção de controle sobre a conduta e, não obstante, aludem a indisciplina enquanto uma conduta, um comportamento. Essa visão, ainda que tenha sofrido mudanças ao longo do tempo e tenha se diferenciado no interior da

dinâmica social escolar, está presente entre os sujeitos escolares e precisa ser superada. Nesse sentido, alguns autores entendem a disciplina como um conjunto de normas reguladoras da vida escolar e, nesse ponto de vista, ela seria um comportamento de ruptura dessas normas.

Assim, a indisciplina tende a ser definida pela sua negação, privação ou, ainda, pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas (ESTRELA, 2002, p.17). Para Jesus (2000), enquanto quebra ou ruptura das regras escolares, a indisciplina denuncia a variação das normas estabelecidas pelos diferentes professores, o que contribuiu para sua manifestação em sala de aula. Com essa visão, restringiremos a noção de indisciplina à de quebra, ruptura e não conseguiremos traçar novas compreensões.

O aluno não reconhece os pactos coletivos estabelecidos no ambiente escolar quando não participa da formulação deles e quando apenas são impostos pelo professor em sala de aula. Assim, por não reconhecer os acordos como válidos, o aluno sente-se legitimado a questioná-los e fugir da responsabilidade. Diante disso, podemos visualizar um rompimento no contrato social da aprendizagem — atribuindo um sentido pedagógico para a indisciplina, pois esse educando contesta os modelos escolares aos quais está submetido ou os esvazia. Esse último ponto demonstra que a noção de indisciplina vai além daquilo que consideramos ruptura com a disciplina, pois estabelece outros rompimentos que não apenas de regras escolares. Na primeira dimensão, a indisciplina oportuniza o trabalho das instituições políticas e expressa uma nova direção nas relações humanas. No plano da ética, o ato indisciplinado é, ao mesmo tempo, matéria do próprio exercício ético e força intencional que precisa ser estudada e discutida para descobrirmos a que veio, ou seja, a sua função, o seu sentido (FRANÇA, 1996).

Carvalho (1996, p.136) aponta que as regras e disciplinas não servem apenas para regular, proibir ou permitir determinadas condutas aos alunos. As normas escolares são também constitutivas, pois se elas existem, temos a possibilidade de criar novas regras ou outras disciplinas. As normas que

formam as disciplinas escolares, segundo o autor, não têm apenas a função de regular a vida escolar, mas de viabilizar um novo modo de trabalho para o professor e seus alunos e possibilitar outras “formas de ver o mundo na perspectiva da história, das artes, da física, etc”.

Sendo assim, de acordo com o autor, as regras possibilitam inovações e criações e desenvolvem a autoridade do professor sob outras perspectivas a serem pesquisadas. Desse modo, o educador não impede o aluno de criar e participar das construções sociais que existem na escola, seja de normas, disciplinas ou da própria autoridade docente. O professor possibilita e viabiliza, assim, a participação efetiva dos discentes nas construções que temos dentro da instituição de ensino.

Os alunos, em sua maioria, não temem mais as punições e os castigos. Para eles, a indisciplina é uma forma de protesto e de desafio às imposições. Será que estamos vivenciando a construção de outros entendimentos sobre indisciplina escolar? Apontamos que a indisciplina pode ser compreendida até aqui como uma ruptura com a disciplina, um enfrentamento dos ideais de punição e controle, o que pode estar indicando um novo desenho de “ramo do conhecimento”, ou da noção que temos de disciplina.

Ainda na ampliação da idéia de indisciplina, podemos analisar indisciplina e poder. Neste ponto, buscamos focalizar na análise da indisciplina e do poder. Mas de que “poder” estamos falando? Inicialmente, apresentaremos a indisciplina como uma interpretação do poder, que é chamada também por alguns autores de contrapoder. Posteriormente, indicaremos uma aproximação que há na forma de se pensar indisciplina atrelada à noção de autoridade docente, o que contribui para que possamos ampliar as possibilidades de compreensão do tema na escola. Por "autoridade" entendemos "uma tentativa de interpretação das condições de poder". Isso porque, muitas vezes, o que pensamos sobre indisciplina pode estar sugerindo outras maneiras de se pensar a autoridade.

A indisciplina relacionada a uma interpretação do poder nos oferece um entendimento que varia de acordo com a interpretação que é dada à indisciplina em sala de aula, pois o que pode ser indisciplina para um professor pode não ser para outro. Em um determinado momento, este intérprete, o professor, pode considerar um acontecimento como indisciplina, ou não, como certo ou errado, justo ou injusto, criativo ou desafiador. Da mesma maneira que a indisciplina pode estar relacionada à interpretação daquele que pensa deter o poder — e que muitas vezes se confunde com a autoridade —, ela pode fazer com que a noção de autoridade seja questionada.

A indisciplina vivenciada por alguns docentes pode ser a evidência de que algo está errado em sala de aula, seja pela postura de alunos que não fazem silêncio durante as aulas, seja pela não-participação deles nas atividades. A indisciplina, segundo Vasconcellos (2004), pode ser ativa, na qual o aluno faz bagunça, ou passiva: quando o professor até consegue silêncio, mas não a interação com seus educandos. Por essa razão, vislumbra-se a necessidade de uma atitude interpretativa para a indisciplina escolar, levando-se em consideração que pensar a indisciplina enquanto acontecimento de uma aula implica pensar numa multiplicidade de aspectos, a começar pelo modo como os fatos são interpretados pelos indivíduos intervenientes.

Quanto à noção de um contrapoder na escola observamos que o professor não é o único detentor de poder na sala de aula. Os alunos também ocupam uma posição social e desenvolvem esse atributo. Dessa forma, docentes e discentes possuem poderes e objetivos que, muitas vezes, são divergentes e podem desencadear conflitos, mas é em sala de aula que ambos os poderes se confrontam. A indisciplina escolar resultaria, segundo esse autor, do poder de contestação dos alunos, tendo-se em vista os mais variados objetivos, dentre eles, o ritmo da aula e do professor, os conteúdos programáticos, bem como o distanciamento da escola e da aula ante a realidade do aluno.

A convivência entre professor e aluno está sujeita a idas e vindas, circularidades, saltos, evoluções e retrocessos no tempo e no espaço em que

essas relações se realizam. Nesse sentido, entendemos que esse relacionamento também possui conexão com a indisciplina escolar e o aprimoramento dessas relações pode e deve possibilitar a construção individual e coletiva de desenvolvimento de cada um — alunos e professores.

Neste ponto, a indisciplina pode estar atrelada ao professor na medida em que estamos falando de um relacionamento entre docente e aluno. Assim, ambos podem estar trabalhando em conjunto no entendimento do que consideram indisciplina, já que essa compreensão também está vinculada à interpretação dos sujeitos escolares. Da mesma maneira, entendemos que indisciplina e autoridade docente podem estar conectadas de forma produtiva, fazendo com que professor e aluno construam conjuntamente o vínculo de autoridade e disciplina, entendendo que a esta última pode auxiliar nesse contínuo processo de construção.

2. FATORES QUE INFLUENCIAM NO DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER DA CRIANÇA.

A indisciplina na escola está na ordem do dia. As preocupações de professores, pais e educadores em geral, relativos aos comportamentos escolares dos alunos, têm sido consideráveis nos últimos anos. Constata-se que no contexto educativo, a indisciplina contribui para a exclusão escolar, gerando um problema social grave. Para Aquino (1996, p.35), embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida.

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar.

2.1. FAMÍLIA

De acordo com a escritora White (1994), a educação significa mais que um curso de estudo num colégio. A educação começa com o bebê, nos braços da mãe. Enquanto a mãe está moldando e formando o caráter dos filhos, ela os está educando. Assim sendo, é na família que as crianças aprendem as primeiras lições e os valores começam a ser formados. Os pais são os primeiros professores. Hoje, infelizmente vimos que essa tarefa está sendo transferida para a babá ou para as creches e o resultado é desastroso, pois a criança cresce sem limite, querendo impor que seus desejos sejam cumpridos ao seu próprio gosto, sem manifestar o menor interesse e respeito pelo bem estar do próximo e os resultados não são bons tanto para a família como para a sociedade. Guedes (1994, p. 47) diz: Ainda no berço as crianças recebem

dos pais as primeiras lições e ensinamentos emocionais, e é aí que se inicia a formação do caráter que elas levarão consigo para o resto da vida.

Os pais modernos estão se equivocando quanto a educação que pretendem dar aos seus filhos. Na ânsia de acertar, acabam errando, pois acreditam que um não deixará seu filho limitado, inseguro ou infeliz. Passando do autoritarismo para a liberdade total, não enxergam que as crianças precisam de limites e respeito pelo próximo, habilidades que precisam ser desenvolvidas, pois são básicas e essenciais para desenvolver cidadãos capazes de praticar o humanismo com a mesma naturalidade com que respiram. É fundamental pensar que dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro (atualmente muita gente acredita que o limite provoca um trauma psicológico e, em conseqüência, acaba abrindo mão desse elemento fundamental na educação. Ninguém pode respeitar seu semelhante se não aprender a ter limites - isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que deseja.)

Pais, se seus filhos vêem em vocês traços nobres de caráter e valores de vida, serão motivados a imitá-lo. Eles precisam ser orientados para não causarem danos a si mesmos (vícios, drogas e tantos males) e também precisam aprender a não causar danos aos outros (roubo, mentiras...). Convém que levem em conta a necessidade de respeitar as idéias e a pessoa do outro, como, os idosos, as autoridades, os professores. Procurem mostrar-lhes sempre que esses valores os livrarão de conseqüências desagradáveis.

As crianças devem ser ensinadas que podem fazer muitas coisas que desejam, mas, nem tudo e nem sempre, e isso deve ser ensinado desde cedo. A criança precisa pensar que para satisfazer o seu desejo precisa respeitar os demais, precisa pensar além do “eu” e ver se não está prejudicando alguém pois, nem sempre o que desejamos é útil e correto socialmente. Nossos jovens e crianças parecem estar totalmente perdidos em meio a tantos problemas e informações que os cercam. Nunca antes se viu tantos problemas de violência, indisciplina, drogas DSTs, etc. A mídia através de filme, novelas, desenhos animados, etc.,

tem cada vez mais divulgado que tudo isso é parte integrante da autoafirmação, que andar na contramão da vida é que vai fazer com que eles sejam pessoas livres, felizes e bem resolvidas.

As crianças pequenas são excessivamente vulneráveis ao (seja ele bom ou mau) seus protetores ou orientadores, e os erros cometidos nos primeiros anos de vida são, de fato, muito custosos. Há um período criativo durante os primeiros quatro anos ou cinco anos de vida de uma criança quando podemos ensinar-lhes atitudes convenientes. Esses conceitos que ela recebe cedo na oportunidade desses anos, a receptividade fundamental geralmente se desvanece para nunca mais retornar.

Se for desejável que as crianças sejam bondosas, reconhecidas e agradáveis, essas qualidades devem ser ensinadas; não esperamos que surjam espontaneamente.

Muitos pais acham que para educar uma criança, basta oferecer-lhe amor e suprir suas necessidades físicas e materiais e esperam que virtudes brotem desta fonte de ternura. Sabemos que o amor é essencial para a vida de qualquer ser humano, mas a responsabilidade que recai sobre os ombros dos pais vai muito além disso. Dobson (1997, p. 26) diz: Amor onde não há instrução, não produzirá uma criança com autodisciplina, autonomia e respeito pelo próximo. Afeição e calor formam a base de toda saúde mental e física, mas não eliminam a necessidade de treinamento, orientação e cuidados.

Dar limites é ensinar que os direitos são iguais a todos, e isso inclui:

- * ensinar que existem outras pessoas no mundo;
- * fazer a criança compreender que seus direitos acabam quando começa os direitos dos outros;
- * dizer sim sempre que possível e não sempre que necessário;
- * só dizer não aos filhos quando houver uma razão concreta;

- * fazer a criança ver o mundo com uma conotação social e não apenas psicológica;
- * ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade;
- * desenvolver a capacidade de adiar satisfação;
- * saber discernir entre necessidade e desejo;
- * compreender que direito à privacidade não significa falta de cuidado, descaso, falta de acompanhamento e supervisão às atividades e atitudes dos filhos, dentro e fora de casa;
- * ensinar que a cada direito corresponde um dever;
- * dar o exemplo ainda que a sociedade não tenha apenas indivíduos que agem da mesma forma.

Como a maioria dos pais não estão preparados para trabalhar valores nos filhos, é na fase escolar quando a criança começa a conviver em grupo, que a indisciplina começa a se manifestar e os pais esperam dos educadores que resolvam o problema, quando na realidade, a ruptura deu-se no início da vida da criança, onde os pais, por falta de preparo ou tempo, deixaram de desempenhar seu papel adequadamente. Mas, nem tudo está perdido, ao decorrer dos anos de vida também é possível aparar arestas e aprimorar o caráter, mas é necessário dedicar tempo aos filhos.

2.2. ESCOLA

A indisciplina na sala de aula e na escola tem aumentado muito nos últimos anos causando assim uma preocupação por parte dos educadores. Gasta-se muito tempo para resolver questões relacionadas a indisciplina, em detrimento da interação do aluno com o conhecimento e com a realidade.

Ela manifesta-se na sala de aula, nos corredores, nos eventos, nos arredores da escola e, de acordo com Vasconcelos (2004), manifesta-se de diversas maneiras: conversas paralelas, dispersão; professor entra em sala e é como se não tivesse entrado; dá lição e a maioria não faz; quando vem professora substituta, é dia de fazer bagunça; alunos não trazem material; se negam a participar da aula; parece que nada interessa; saem no corredor na mudança de professor; fazem bagunça em sala quando não tem ninguém; irmãos entram no meio da aula para pedir material, lanche, dinheiro; riscam carteiras até estragar; colocam tachinha na mesa do professor ou dos colegas; ficam comendo durante a aula; mascam chiclete; ficam de boné durante a aula; não vem de uniforme; pintam carteiras com líquido corretor; escrevem nas paredes; destroem trabalhos de alunos de outros períodos fixados nos murais; sentam de qualquer jeito na carteira, etc. Estas e outras questões perturbam muito o educador e diminuem o bom rendimento da aula, porém pode ser feito um paralelo entre indisciplina escolar com a social.

Vasconcelos (2004, p. 52) diz: “Fome, mortalidade infantil, desemprego, neonazismo, tráfico de droga, corrupção, favela, pichação, assalto, sequestro, roubo, trote, danificação dos equipamentos públicos, lixo no chão, desrespeito à faixa de pedestre, excesso de velocidade (...) Muitos professores, diante da situação, desanimam e chegam a dizer que a indisciplina sempre existiu e não tem solução. Este não é um bom sinal, pois eles podem cair no conformismo. Quando pensamos em disciplina, vem à mente a idéia de sentido e limite que são parâmetros básicos para que a mesma aconteça.”

2.2.1. Crises na educação

Durante o processo histórico, a educação enfrentou duas grandes crises:

* **Crise dos sentidos** - há uma desorientação geral hoje na sociedade: quer se superar o velho, mas não se sabe bem como é o novo. Há crise da racionalidade, crise dos projetos sociais, das utopias, do sentido para viver,

crise da autoridade em nível mundial, mudança no sistema de valores. Constata-se que as agências produtoras de sentido (partidos, igreja, família, escola e ciência) estão em crise. É a crise da Disciplina no contexto da Pós-Modernidade.

Deve-se convir que a tarefa escolar não é das mais difíceis, especialmente depois da fase das noções iniciais. Para participar dela, o sujeito precisa ver algum sentido. Com a crise de identidade da escola, este sentido não está socialmente bem definido. A crítica é forma de organização da escola e não é nova; é possível ver em Rousseau (1712-1778) um marco desta crítica. Ocorre que estava restrita à dimensão pedagógica; posteriormente, vários intelectuais apontaram o papel político e social da escola, em confronto com a imagem insuspeita que se passava dela.

Mas é na década de 70, como vimos, que essa crítica parece finalmente atingir a massa dos educadores, governantes, pais e alunos. Passam a ser levantadas suspeitas inimagináveis até então: a escola não era neutra! A escola, na verdade, além de seus belos discursos, contribuía para a discriminação, para seleção social. Finalmente a escola é obrigada a reconhecer sua outra face, segundo muitos, a mais decisiva. Vem a crise de identidade, que se reflete logo nos professores que são os principais agentes, afinal, qual é o papel da escola? Falta perspectiva para o jovem: estudar pra que?

* **Crise dos limites** - afirma que a função da escola é a formação do homem novo e da nova sociedade. Este homem novo deve ter capacidade de autogoverno; toda ação, da escola, da família e da sociedade deveria ajudar a formar este autogoverno. O que está ocorrendo é que tanto o professor quanto a escola e a família não estão com seus autogovernos definidos, ficando o aluno desorientado também.

Entendendo que esta crise, consentida e até incentivada pela classe dominante, tem como objetivo a disseminação da permissividade tendo em vista o consumismo. A liberação do consumo de bens supérfluos é uma exigência do sistema capitalista, para permitir a acumulação ampliada. Assim, percebe-se que quem manda hoje na criança e no jovem não é tanto o pai, o político, o professor, mas o mercado, materializando marcas e grifes.

Ora, verificada a crise tanto nos sentidos (crise de identidade, fim das ideologias, etc.), quanto dos limites (permissividade, consumismo), fica evidente a dificuldade em se superar o problema. Assim, a questão não pode ser pensada apenas no âmbito da sala de aula ou da escola, apesar de necessariamente demandar um enfrentamento.

2.2.2. Aspectos relacionados ao ambiente escolar

Deseja-se que a escola seja um espaço humanizado, democrático, onde se cultiva o diálogo e a afetividade, onde se pratica a observação e a garantia dos direitos humanos. Na prática, o que se espera é que a escola assuma um papel educativo e proporcione, através de uma visão sistêmica, a integração de todos os agentes envolvidos no processo, bem como o acesso das novas gerações à herança cultural acumulada, vista como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades e transformar o ser humano.

Para que essa educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores, uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes. Nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento e nesse vazio de idéias que acompanha a crise paradigmática é que surge o momento oportuno das transformações. Essas transformações na escola não ocorrem por acaso ou por decreto, mas pela postura reflexiva e pela vontade coletiva da sua comunidade.

O ambiente escolar pode favorecer a indisciplina se houver, por exemplo, classes numerosas: o ideal seria trabalhar com 20 ou 25 alunos, em ambientes amplos e confortáveis. Na realidade, notamos classes com 40 a 50 alunos. Instalações físicas inadequadas, iluminação ineficiente, salas pequenas, carteiras velhas e quadro-negro cheio de reflexo dificulta a manutenção da disciplina. Falta de material didático e preparação inadequada dos diretores que se tornam carentes de preparo pedagógico podem alterar o trabalho e o rendimento de toda a instituição escolar.

2.3. A MÍDIA

Para alguns psicólogos, os pais não seriam os únicos culpados pelo aumento da indisciplina das crianças, a mídia, que passa valores morais que os pais não podem controlar, e a própria escola também tem responsabilidades. A criança que passa 14 anos na escola, é possível que crie seu referencial de indisciplina lá dentro. Nem toda indisciplina é prejudicial ao desenvolvimento do aluno, embora em alguns casos, os estudantes extrapolam. Indisciplina sempre existiu em qualquer lugar e é justamente quem reconhece sua existência é que pode impor limites. A mídia em geral tem participado do processo de crescimento das crianças e ela é extremamente passiva. O grande problema é que essa grande influencia pode transformar a indisciplina em violência generalizada.

2.4. OS PROFESSORES

É impossível falar de indisciplina sem pensar em autoridade e é impossível falar em autoridade sem pensar no professor. O professor deve ser um líder, para os alunos, ele é a imagem de um ideal (positivo ou negativo). O objetivo do professor é favorecer um determinado modelo de conduta. Favorecer o desenvolvimento de comportamentos de uma forma de estar na vida para o aluno.

3. CAUSAS DA INDISCIPLINA PÚBLICA

Abaixo estão relacionadas algumas causas da indisciplina pública que podem ter grande influência na indisciplina educacional:

- * **Sociedade em transformação.** A sociedade vive em constante mudança. Vivemos num mundo onde tudo de “aperfeiçoa”, mas, curiosamente, o nível moral degenera.

- * **A família abdicando suas responsabilidades.** Sendo que ambos os cônjuges trabalham fora, prefere transferir a educação para a escola.

- * **Mau exemplo dos adultos.** Os adultos lutam para “ser alguém”, o que é bom, mas também provoca uma corrida louca pelo dinheiro, poder e fama, provocando, muitas vezes o esquecimento de padrões de comportamento. Além do mau exemplo dos pais, temos o péssimo exemplo de muitas autoridades e pessoas públicas, o que provoca uma onda de indisciplina.

- * **Omissão dos educadores.** Pais, diretores e professores estão preocupados em colocar o educando dentro da Universidade a todo custo, por isso, esquece-se do dialogo, da ética e se enfatiza a informação e não a formação.

- * **Influência dos meios de comunicação:** tv, radio, revistas, etc., produzem, geralmente, programas e literatura comercial, sem o mínimo escrúpulo ou pudor. O que importa é vender.

- * **Crise da autoridade.** Devido à desmoralização da autoridade, causada pelo péssimo exemplo de muitas autoridades, há uma onda de permissividade sem que ninguém possa interferir.

- * **Ênfase nos direitos com esquecimento dos deveres.** Em nome de uma falsa democracia, os jovens são muitas vezes ensinados a reclamar

prontamente seus direitos, sem a mínima sensibilidade para com responsabilidades e deveres.

* **Causas originadas no aluno, como causas biológicas** - desnutrição, esgotamento físico, atividade hormonal, hiperatividade, etc., podem causar estados de inquietação.

* **Causas sociais** - nível social muito baixo ou muito alto pode causar comportamento indesejável. Para os alunos de nível social baixo, as aulas podem não ter sentido, já que em seu ambiente, tudo é diferente. Para o aluno de nível social alto, as aulas também podem parecer chatas, pois o que o professor diz, ele já sabe, perdendo assim o interesse pela aula e pelas atividades.

* **Causas psicológicas** - tendência impulsiva do aluno imaturo ou problemas emocionais de personalidade.

3.1. A INDISCIPLINA CENTRADA NOS ALUNOS

A indisciplina na escola pode ter relação com o fraco rendimento escolar dos alunos. O seu insucesso pode levá-los a investir pouco nas tarefas escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando, eventualmente, emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. O jovem que não se desenvolveu normalmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, que são muitas vezes julgados como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre indisciplina e moralidade.

3.2. A INDISCIPLINA CENTRADA NA FAMÍLIA

A importância da colaboração escola-família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino aprendizagem. Há estudos que evidenciam que o envolvimento dos pais está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos.

O envolvimento dos familiares melhora a imagem da escola e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma educação de sucesso apoiada no binômio escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender, o indivíduo deverá ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

3.3. A INDISCIPLINA CENTRADA NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Ao começar sua vida escolar a criança vai iniciar um intenso processo de socialização, deparando-se com uma organização escolar que lhe é desconhecida e com uma série de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência. Assim, o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações.

Contudo, nem todos os alunos que passam pela escola se comportam conforme as normas estabelecidas. Muitos alunos rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela escola e pela sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a escola, ao não conseguir realizar a socialização comportamental, cria situações de indisciplina nos seus alunos.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou aqueles alunos ou reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso que têm direito.

Para Freire (1998), um projeto de escola que busque a formação da cidadania precisa ter como objetivos: tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; e, ainda, garantir espaço para a construção de conhecimentos científicos significativos, que contribuam para uma análise crítica da realidade.

3.4. A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS E DAS TURMAS NA INDISCIPLINA

Enquanto conjunto estruturado de pessoas, o grupo exerce uma enorme importância nos processos de socialização e de aprendizagem dos jovens. A sua influência acaba por ser decisiva para explicar certos comportamentos que os jovens demonstram e que resultam de processos de imitação de outros membros do grupo.

Certas manifestações de indisciplina não passam, muitas vezes, de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos. Através delas os jovens procuram obter a segurança e a força que lhes são dadas pelos respectivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar. A turma é também um grupo, sem que, todavia, faça desaparecer todos os outros aos quais os alunos se

encontram ligados dentro e fora da escola. Numa sociedade em que os grupos familiares estão desagregados, o seu espaço é cada vez mais preenchido por esses grupos formados a partir de interesses e motivações muito diversos.

4. VIOLÊNCIA NA ESCOLA E VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Nos últimos anos, evocar a imagem de escolas violentas tem se tornado clichê entre educadores, principalmente nos grandes centros urbanos. Essa imagem inquietante é fortalecida sempre que ocorrem episódios truculentos associados a estudantes e professores. O que era apenas exceção parece tornar-se regra.

Violência urbana é, de fato, um grave problema, em algumas regiões do Brasil, a incidência de atos violentos extremos é maior no Oriente Médio ou na África, onde há guerra civil aberta. Então alardeamos que nossas escolas estão sendo invadidas pela brutalidade do contexto social. É necessário lembrar-se de duas coisas: nas escolas há muito menos violência do que no âmbito geral da sociedade, depois, o cotidiano escolar não só incorpora as ameaças de seu exterior como produz ele mesmo conflitos, embates e exclusões. Por isso, a escola não pode ser pensada como refém de um entorno hostil ou de outras instituições violentas. Se lá acontecem situações perigosas, é porque elas são, em alguma medida, potencializadas pelas relações lá existentes.

No cotidiano escolar, é a feição simbólica da violência que surge com maior frequência. O debate sobre violência deve levar todos os profissionais de educação a abdicar do hábito de se postarem como vítimas de uma sociedade inadequada, e a atentar para seu compromisso com a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e de qualidade. Algo perfeitamente viável, se assim o desejarmos e fizermos. Dessa forma, o espaço escolar talvez possa vir a ser o que já é em essência: uma experiência fundamental na edificação de um mundo mais pensante, mais pacífico, mais livres enfim.

A disciplina não pode chegar ao aluno como uma ordem, um castigo, um imperativo que partindo do mais forte, dirige o oprimido, em nome do seu conforto pessoal, mas como produto de debate, reflexão, estudo de caso e análise, onde se descobre a hierarquia de povos disciplinados sobre clãs sem mando ou sobre sociedades oprimidas. É grande desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola.

Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo. Quando o professor experimenta a ambiguidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel.

4.1. CONCEITO DE BULLYING: Violência no Ambiente Escolar

O *bullying* envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos. Os comportamentos incluídos no *bullying* são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, negativa de férias ou feriados, socos, agressões, chutes ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

No início da infância, o *bullying* geralmente é aleatório. Na juventude e na idade adulta, os alvos são escolhidos. Os *bullies* sempre encontrarão alguma coisa de seu interesse em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação sexual diferente, ser simpático, ser quieto, etc.

Ao contrário da crença de que os *bullies* abandonarão esse comportamento com o tempo (costuma-se dizer que “é coisa de criança”), eles não param sem intervenção permanente, confrontação sensível e consequências. Eles têm medo de que lhes exija que enfrentem suas próprias inseguranças por meio de confrontação e que sejam forçados a responder por seu comportamento e pelas consequências dele. Entretanto, sem confrontação sensível e responsabilização, eles simplesmente ficam melhores naquilo que fazem com o passar do tempo.

4.1.1. ESTILOS COMUNS DE BULLYING

Quando o *bullying* se dá na forma de dois ou mais indivíduos contra uma vítima, é chamado às vezes de *mobbing*, algo como atacar em grupo. Nos anos 1960, o etnologista Konrad Lorenz usou o termo *mobbing* para descrever o comportamento que os animais costumavam ter para assustar um predador. “Mais tarde, Peter-Paul Heinemann, um médico sueco, concentrou suas pesquisas em um comportamento que observava as crianças terem com outras crianças, anteriormente chamado de *bullying*. Ele utilizou o termo de Lorenz *mobbing*, para enfatizar a gravidade do comportamento que poderia levar a vítima a tal isolamento e desespero a ponto de cometer suicídio. Para melhor compreensão, analisaremos abaixo alguns tipos de bullying.

4.1.1.1. COLISÕES DE FRENTE

Você está dirigindo por uma estrada em um lindo dia de primavera, desfrutando da música que toca no rádio do carro. De repente, vê algo se aproximando: um caminhão está vindo diretamente em sua direção na mesma pista. Seu sentimento imediato é de terror. Seu primeiro pensamento é: Espere aí, esta é uma estrada de duas mãos. Estou na contramão? Como pude fazer isso?

Esses são alguns dos pensamentos e sentimentos experimentados imediatamente quando se enfrenta um estilo de *bullying* que bate de frente: medo, confusão, auto-acusação. A pessoa vem até você, parecendo que surgiu do nada. Você não está preparado e, por alguns minutos, pensa que deve ter feito algo para merecer a desaprovação e o abuso que lhe estão sendo direcionados. Que razão essa pessoa poderia ter para vir até você dessa maneira?

Lidando com colisões de frente

a) **Enfrente-as.** As colisões de frente são típicas de *bullies* que estão acostumados a pessoas que se amedrontam. Seja afirmativo, mas não lute. Eles não sabem como recuar, e ter razão é extremamente importante para eles. Se você lutar, eles terão conquistado uma vantagem, porque você está fora de controle. Eles não têm controle sobre seu próprio comportamento e ficam chocados quando outros lhes impõem controles calmos, mas firmes.

Use declarações firmes e sempre chame o *bully* pelo nome, e não se esqueça de olhar nos olhos dele: “Fulano, não concordo com você, mas estou interessado em sua opinião”; “Fulano, não concordo com você, mas me fale mais; “Fulano, não compartilho de sua opinião, mas gostaria de saber como você vê a situação”.

b) **Se ele estiver de pé, como geralmente estão os bullies, peça que se sente.** É muito mais difícil para ele manter o fluxo contínuo de intimidação se estiver sentado. Se ele não sentar, fique de pé. Se você estiver sentado quando ele começar seu discurso, levante-se lentamente, e não de forma abrupta. É importante que você não pareça estar em posição de luta.

c) **Não deixe que lhe interrompa.** Seja calmo, mas firme. “Fulano, você está me interrompendo.” A seguir, retome à conversa. Você pode ter certeza de que será interrompido novamente. Repita seu recado de forma calma e firme: “Fulano, você está me interrompendo”.

d) **Não fique defensivo,** não dê lições de moral, não ameace e não se deixe tomar por uma discussão minuciosa de fatos.

e) **Evite absolutos, como “você sempre...”, “você nunca”.** Nunca use palavras que sirvam para fazer crescer uma briga: “Fulano, você está me interrompendo de novo”; “você está errado”; “não tenho por que aguentar isso”.

Exponha suas idéias e expectativas de forma simples, calma e firme. Não permita interrupções e escute o ponto de vista do outro. Se começarem

ofensas, responda: “Fulano, quero muito escutar o que você tem a dizer, mas não vou deixar me ofenda”. Volte à conversa.

Ao contrário do que se acredita a maioria das pessoas, aqueles que colidem com você de frente muitas vezes respeitam os que estabelecem limites calmos e firmes para seu mau comportamento. Na verdade, muitos *bullies* me disseram que gostariam que as pessoas os tivessem enfrentado muito tempo antes. Diferentemente de muitos outros tipos, esses geralmente respondem a limites firmemente estabelecidos e provavelmente irão alterar seu comportamento com você no futuro.

4.1.1.2. COLISÃO TRASEIRA

Qualquer um que tenha sentido o abalo do impacto de um carro que bate por trás conhece as lesões graves que podem resultar. O efeito-chicote é uma lesão grave, assim como o é o efeito-chicote emocional. A maioria das pessoas não nota que será atingida e muitas vezes fica anestesiada e muda por algum tempo, como resultado da experiência.

Os que praticam colisões traseiras aplicam seu abuso verbal por trás, protegidos por humor ou por sarcasmo. Isso costuma deixar a futura vítima se perguntando se foi atingida, ainda que esteja dolorida e obviamente machucada. Ela se pergunta se a pessoa realmente tinha essa intenção ou se, como o *bully* é rápido em alegrar, está sendo “sensível demais” ou perdeu temporariamente seu senso de humor.

Lidando com *bullies* que atacam por trás

a) Acredite em seus sentimentos e em sua intuição. Se você estiver sangrando emocionalmente, é provável que tenha sido atacado. Valide sua realidade emocional. Reconheça que foi alvo de abuso habilidosamente disfarçado de

piada, que suas fronteiras foram gravemente violadas e a essência básica de seu ser, comprometida.

b) Não ria de piadas contadas às suas custas. O abuso não é engraçado.

c) Defenda-se, sem entrar em briga. Lembre-se: os *bullies* que atacam por trás são tão letais quanto os que atacam de frente.

d) Esteja preparado para os *bullies* que atacam por trás de forma inocente em resposta à sua postura afirmativa. “Você perdeu seu senso de humor?”; “Não sabe aceitar uma piada?”; “Você gostava de minhas piadas, o que aconteceu com você?”; “Você está simplesmente sensível demais”. Não morda a isca. Apenas repita o que disse de forma calma, direta e simples.

e) descreva os fatos de forma calma e simples. “Lembra de ontem à noite, quando você contou aquela piada na festa? Você sabe mesmo ser engraçado. Todo mundo riu, mas eu acho que ouvi uma alfinetada naquilo. Você teve essa intenção?”. Talvez você tenha que repetir essa declaração muitas vezes, se seu senso de humor ou sua sensibilidade forem questionados. Mantenha-se firme em sua posição.

f) Esteja preparado para enfrentar ataques de trás *sempre* que eles acontecerem.

g) Não espere que os *bullies* que lhe atacam por trás venham a confirmar sua experiência. Você mesmo terá que confirmá-la e buscar o apoio de outros em quem confie. Mesmo que eles não reconheçam abertamente a alfinetada, provavelmente pararão de atingi-lo por trás por um tempo.

h) O preço que os que atacam por trás geralmente pagam é que as pessoas não os querem mais por perto. Dói muito. Se você vier a se afastar e o *bully* lhe perguntar por que isso ocorreu, seja honesto. Se seu comportamento não funciona mais, pode haver alguma mudança. Não se esqueça: o mau comportamento do *bully* tem a ver com ele, e não com você.

4.1.1.3. ACELERA, DIMINUI: O CONTROLADOR

Os *bullies* que são controladores costumam ser os mais difíceis para se estabelecer comunicação. Eles têm um estilo semelhante ao dos que colidem com você de frente, com uma diferença importante: não perdem a postura, quem a perde são suas vítimas. Eles são especialistas em destruir calmamente sua auto-estima, deixando-a sem saída e acabando por gerar uma resposta irritada em pessoas que costumam ser pacientes e calmas. O bully controlador costuma procurar vítimas potenciais que pareçam sensíveis e vulneráveis.

Esses *bullies* têm um estilo de comportamento semelhante aos motoristas que reduzem a velocidade quando estão à sua frente e depois aceleram quando você tenta passar. Também são como os que estacionam na vaga que você esteve esperando pacientemente, alegando que a viram antes, se você disser alguma coisa.

O *bully* controlador, como a maioria dos *bullies*, tem uma visão distorcida da realidade. Ainda assim, talvez mais do que outros, estão muito ligados no comportamento de outras pessoas. Eles vêem ataques inexistentes dirigidos a eles, e um inimigo atrás de cada arbusto. São imprevisíveis: superprotetores, carinhosos, pondo-lhe em um pedestal em um minuto, e calmamente destruindo seu ego no minuto seguinte. Na verdade, parte de seu padrão de comportamento é elevar suas vítimas pretendidas de forma que possam calmamente destruir seus egos a seguir. São especialistas em deixá-las sem saída e na indução de culpa. Sentem-se permanentemente não-valorizados por seu esforço.

Para esse indivíduo, o controle é a sobrevivência do ego. Se você estiver com problemas, indefeso, ou em um momento da vida em que sua auto-estima está baixa e que você está se questionando, ele o “resgatará”, ao mesmo tempo em que se certifica de que você permanece se sentindo por baixo. Ele provará a você que agora você está seguro e muitas vezes lhe ajudará a se tornar

independente, e depois lhe atacará por ser “irresponsável, ingrato e dependente”.

Se você decide que não consegue mais aguentar o comportamento degradante e decide ir embora, ele se tornará subitamente supercarinhoso e apologético, dizendo-lhe como a vida será completamente infeliz, se você se afastar. A seguir, quando você se sentir novamente confortável retirará seu afeto outra vez e começará o processo de destruí-lo.

Enfrentando *bullies* controladores

a) Dependenda de você mesmo para sua auto-estima, e não de outra pessoa.

Se você sabe que é uma pessoa boa e bem-intencionada e acredita em si mesmo, há muito pouco que outro possa fazer para torná-lo vítima. Não deixe que pessoa alguma lhe convença de que sua vida depende dela.

b) Evite a armadilha da situação sem saída.

Uma manobra favorita do *bully* controlador é apresentar a você situações em que você pode optar por perder ou perder. Por exemplo, pede que você escolha entre ele e sua família ou seus amigos. Assim como outros estilos de *bullying*, não discuta nem se defenda. Olhe-o nos olhos e lhe diga de forma clara e simples que não vai entrar no jogo.

c) Não se deixe pegar no “prove”.

Os *bullies* controladores são muito bons na chantagem emocional e em fazer com que você se sinta responsável pelo amor próprio deles mais do que eles pelo seu. Um chefe desse tipo poderá dizer: “Eu sei como você se sente neste trabalho. Você está a caminho de algo maior. Sei que é só questão de tempo para que você saia”.

Lidar com um *bully* controlador de forma eficaz é um pouco como ser guarda de trânsito em uma rua movimentada: “Você faz suas escolhas. Eu faço minhas escolhas”.

Você tem seus pensamentos e suas opiniões. Eu tenho meus pensamentos e minhas opiniões. Você é responsável por sua auto-estima. Eu sou responsável por minha auto-estima. Eu comunico meus sentimentos. Você comunica seus sentimentos. Não se deixe envolver pelo jogo, caso contrário, pode esperar uma colisão.

d) O que é, é.

Não tente entender o comportamento do *bully* controlador ou analisar suas intenções. Quando confrontada com mudanças súbitas no comportamento do *bully* controlador, a maioria das pessoas fica confusa, tentando entender o que está acontecendo de verdade e compreender o comportamento do *bully*. Ele é a pessoa carinhosa e sensível com quem acordara ou aquela ofensiva, acusadora e danosa que acaba de atacá-lo? Talvez ela esteja tendo um mau dia”. Vai ver que eu fiz alguma para magoá-lo. A resposta é que o comportamento é o que é. Quando você está sendo vítima de *bullying*, dói. Não importa o que ele tenha feito uma hora atrás. Olhe bem nos olhos dele e se defenda.

Quando se relacionar com um *bully* controlador, não se deixe fazer refém emocionalmente e ser responsabilizado por suas escolhas. Concentre-se em seus pensamentos, em sentimentos, em comportamentos e em suas escolhas, e não nos dele.

4.1.1.4. ÓLEO NA PISTA

Você alguma vez esteve dirigindo na estrada, em um lindo dia de primavera ou de outono, e de repente atingiu um pouco de óleo que não esperava que estivesse ali? Você sente que suas rodas começam a derrapar. Esse é um

ótimo momento para recordar as regras de direção defensiva. Esteja sempre preparado para mudanças no tempo e nas condições da estrada e para riscos inesperados.

Manchas de óleo e poças d'água podem aparecer de repente, onde você menos os espera, assim como o *bullying* surge do nada, das pessoas das quais menos espera.

4.1.1.5 JOGAR PARA FORA DA ESTRADA

Os *bullies* que jogam você para fora da estrada, muitas vezes, parecem ser seus grandes amigos, às vezes, sua intuição lhe diz que sua “boa vontade” não é o que parece. Talvez essas vozes intuitivas sussurrantes tenham começado quando ele lhe contou coisinhas que outros estariam dizendo a seu respeito, para o seu próprio bem, claro. O problema é que não acreditamos em nossa intuição.

Alguém lhe conta os boatos e as fofocas que essa pessoa tem contado a seu respeito e você se sente como se tivesse sido atingido em seu ponto cego. Os *bullies* que jogam os outros para fora geralmente são ciumentos e nutrem um rancor contra você, e não lhe enfrentam diretamente. Hostis e agressivos, tentam destruí-lo através de fofocas maliciosas e boatos voltados a “ficar quites” por ataques percebidos contra seu amor-próprio.

Não se deixe jogar para fora da estrada

a) Obtenha os fatos.

Quando alguém lhe diz que outra pessoa está espalhando boatos e fofocas, tente obter permissão da pessoa para conferir a história com quem supostamente os está espalhando. Diga-lhe que ter a informação sem possibilidade de conferi-la lhe coloca em uma posição difícil. Se resistir, diga-

Ihe que você possivelmente optará por conferi-la de qualquer forma, sem sua permissão. O portador das notícias pode nunca mais lhe contar o que estiveram dizendo a seu respeito, mas também não há problema.

b) Fale em particular com a pessoa que está supostamente espalhando os boatos.

c) Descreva da forma mais direta e simples possível as informações que recebeu e a fonte.

d) Não se surpreenda se a pessoa negar.

Os *bullies* que jogam os outros para trás são hostis e raivosos e, ao mesmo tempo, temem o conflito direto. Geralmente negarão o que foi dito e responsabilizarão um mal-entendido por parte da pessoa que lhe deu a informação.

e) O *bully* poderá continuar a negar a informação ou pode descarregar em você.

Em ambos os casos, olhe o *bully* nos olhos e lhe diga que, no futuro, espera que ele lhe diga diretamente quaisquer preocupações e percepções que tenha em relação a você ou a sua vida. O *bully* que passa para trás será mais cuidadoso ao espalhar fofocas e rumores a seu respeito no futuro. Assim como a maioria dos *bullies*, essas pessoas nunca esperam ser cobradas em relação a seu próprio comportamento.

4.1.2. OS BULLIES SÃO ESPECIALISTAS EM SEU COMPORTAMENTO

Todos nós temos dias ruins e podemos ter lapsos ocasionais de mau comportamento. Afinal de contas, somos seres humanos. Os *bullies* têm padrões duradouros e profundamente enraizados de comportamento, que eles aperfeiçoam durante grande parte de suas vidas. Esses padrões foram

reforçados porque poucas pessoas os enfrentam de forma adequada. Em outras palavras, aprenderam que seu comportamento funciona.

Os *bullies* são muito habilidosos no ato da intimidação. Se discutir com eles, provavelmente perderá, ou eles continuarão aumentando seu comportamento. Para eles, a sobrevivência depende de vencer. Eles têm que vencer a qualquer custo. Por outro lado, se você engole seus sentimentos, personaliza os ataques deles e se torna indefeso e impotente, continuará sendo um de seus alvos favoritos. Quando atacado, não lute com o *bully*, não questione suas motivações e não personalize seu comportamento. Olhe-o nos olhos e se defenda.

Estude os estilos comportamentais dos *bullies* e as estratégias eficazes para lidar com eles com a mesma seriedade com que estuda um manual de direção. Mantenha-se emocional e fisicamente seguro, e sempre peça apoio às pessoas em que sabe que pode confiar.

4.2. Violência na família: um estudo de caso

Este caso está sendo atendido no Grupo de Violência e Vitimização, inserido no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social Projeto APÒIAR, dentro da Universidade de São Paulo. (TARDIVO e GIL, 2008)

O sofrimento humano está presente na vida de todas as pessoas, em graus diferentes e sentidos de forma individual, conforme a vivência e experiência que cada um enfrenta no percurso de sua história.

O mais antigo e universal grupo é a família. Sempre houve ao longo das décadas em toda a sociedade ou em agrupamento de pessoas em que existem crianças e adultos.

Como cada família tem características distintas das outras, além de haver mudanças na trajetória ao longo dos séculos, permaneceu o caminhar da

instituição família, com interesses conjuntos, desde o elo afetivo sadio, integrado, até as estruturas patológicas que encontramos ao nos procurarem para um atendimento psicológico ou uma simples orientação.

Diante de todo esse aparato que deve existir na família, para a sua evolução e crescimento do casal e da prole, serão ressaltados dois aspectos, que é a Tónica deste trabalho. Confiança e Agressão.

A confiança, segundo Ferreira e Ximenes (1972/1999), é ter segurança íntima de procedimentos, crédito, boa forma, segurança e bom conceito que inspiram as pessoas com probidade, talento, discrição, atrevimento e familiaridade.

A agressão, para esses mesmos autores, é uma ação ou efeito de agredir, podendo ser este ataque tanto físico como moral; é provocação, ofensa, insulto, pancada, ferimento e ação de agredir.

A pessoa agressiva é dada a agressões. Voltada para o ataque, em geral é violenta, deseja que ocorra algum dano ao outro. Em geral, pode-se dizer que muitas vezes esse sentimento é uma reação ao que foi feito com a pessoa no passado.

Nota-se que no contexto familiar, normalmente, respira-se um ar de confiança, muitas vezes inquestionável, simplesmente porque se diz: “é parente”; ou “é irmão”; ou “é pai”; “é tio”; porém a sociedade está se defrontando, muitas vezes, com perigo que ocorre exatamente nessa relação.

A harmonia é quebrada quando aparece a desconfiança ou a confirmação de um fato que é descoberto. Ex.: uma mãe confia que seu irmão pode buscar a sua filha na escola e que este a protegerá de qualquer coisa de ruim que possa acontecer com a criança. Quando um dia a criança relata à mãe que o tio está molestado-a. A confiança que ora primava entre os irmãos desaparece de imediato. E pode continuar sempre com a desconfiança, em função da confirmação deste dado pela mãe.

A confusão apresenta-se e, após ela, o efeito impactante surge como uma forma de tomada de consciência do que aconteceu. Há uma paralisia no pensamento, desde a negação até o atuar que pode levar de minutos a anos.

Percebe-se que todos ficam estupefatos, esqueléticos, diante do que souberam, desde mães, pais, irmãos, avós, tendo cada um uma reação diversa, após o primeiro impacto.

Como tratar a família, a vítima, o agressor, quando todos estão tão próximos, e às vezes convivendo na mesma casa? Os adultos tendo que desempenhar seus compromissos de trabalho, econômicos, sociais e outros; as crianças precisando dar conta das atividades escolares e extra-escolares, muitas vezes, o relacionamento com amigos e o principal consigo própria, que foi a mais atingida, no hoje, e carregará a carga futura, caso não tenha um apoio necessário e eficaz na contenção da agressão.

Aparece a dor, a negação, o choro, o desespero e o descompasso diante do conhecimento do problema.

Diante dessa demanda, foi criado um Grupo de pesquisa dentro do Projeto APOIAR, sobre os casos relacionados à agressão e à violência, e, portanto, o Grupo de Vitimização iniciou um trabalho com esta demanda atual da sociedade.

Vejamos o caso ELEONORA – 9 anos

A mãe, Luisa, veio em busca de atendimento porque descobriu que sua filha tinha sido “mexida” pelo seu irmão de 15 anos de idade, ou seja, pelo tio materno. Este mora com a avó da criança, na casa vizinha à da família.

Luisa percebeu que a filha estava com alguma dificuldade, quando um dia foi dar banho na menina e esta disse para a mãe não “lavá-la embaixo”. A mãe perguntou por que e Eleonora começou a chorar e não conseguia falar nada. A

mãe disse que estava ficando muito assustada porque não conseguia entender o que pudesse estar acontecendo com a filha.

O tempo foi passando e somente à noite a filha que, quando o tio Beto a levou para dormir na casa de uma tia, ele resolveu ficar para dormir também. Na madrugada ela acordou com ele mexendo nela. A menina disse para ele parar e foi até o banheiro, na volta disse que não aconteceu mais nada.

Nesse momento a mãe chorava e tremia dizendo que o irmão poderia “ter pegado” a Eleonora, porque ela é muito boba e inocente. Luisa nesse momento disse que ela própria também é inocente, nunca poderia sequer imaginar que o irmão dela pudesse mexer com sua filha, sendo que ele a levava todos os dias à escola, pela manhã.

No dia seguinte e nos outros dias que se seguiram a mãe não parava de perguntar para a filha o que mais tinha acontecido entre ela e o Beto, naquela noite ou em outra ocasião. A menina continuou falando que só tinha sido o que ela já tinha falado. Foi-lhe perguntado por que estava insistindo tanto com a filha sobre essa situação. Luisa muito triste disse que o irmão já havia “prego” outra sobrinha, há questão de um ano, e ela não achou que ele pudesse pegar e Eleonora.

Sente que a confiança que tinha no irmão ficou abalada após o acontecimento com a sobrinha, mas as coisas foram voltando ao normal, e ela nunca poderia imaginar que ele fosse fazer com a filha dela. Acredita estar muito atordoada com essa revelação, porque o marido dela não pode saber de nada, pois é capaz de matar o irmão. O marido gosta muito do Beto, e o deixa dormir sempre em casa. Ele não ficou sabendo o que aconteceu entre o Beto e a sobrinha.

A mãe disse que está muito preocupada porque sua mãe sofre do coração e não e não quer que seja feito nada ao seu filho, pois acredita que tudo já passou.

A orientação foi para fazer o afastamento de ambos. A mãe disse que isso já estava acontecendo, porque ela ficou com muito medo. Ele não a leva mais para a escola, não dorme em casa, e não toma conta de Eleonora quando esta volta da escola e a mãe não está em casa.

Observa-se que a mãe precisa ser orientada, uma vez que ainda dá banho na filha de nove anos de idade, por exemplo, além de outras situações similares com a qual ela não percebe que a filha já pode fazer inúmeras coisas sozinha, em função da sua idade.

Luisa relata que a menina não se lavava e não se enxugava direito. Deixava sabonete em alguma região do corpo e creme no cabelo, ou então, ela esquecia de colocar o creme no cabelo e, por ser muito crespo, ninguém conseguia desembaraçá-lo.

Foi possível observar que a mãe cuida da filha ainda como um bebê, e não deixava que esta se cuidasse sozinha, até mesmo em relação à escola. A mãe fazia a lição e um dia a professora disse que não daria nota para a mãe, Eleonora deveria se esforçar para fazer a lição sozinha. Luisa riu ao contar isso.

Houve um único encontro com o pai, pois este trabalha muito fora de São Paulo, às vezes chega a ficar três a quatro meses sem ver a família e a mãe frente de tudo. A mãe preveniu a psicóloga para que ela não falasse nada sobre o que estava acontecendo, com o pai. A entrevista com o pai versou sobre vários temas em relação à menina e seu comportamento na escola, foi orientado de que, como a filha estava crescendo, os cuidados que deveria ser tomado para sair de casa.

O pai cita um episódio que aconteceu aos três anos de idade com a Eleonora, ao qual ele tem a certeza de que ninguém se atreve a fazer nada com sua filha. Foi pedido que contasse o que aconteceu.

Ele disse que estava em um churrasco na casa de amigos, com toda a família da esposa, e o filho de um convidado mexeu com a filha dele, apenas colocou a mão na calcinha da filha. Ele levantou e agrediu tanto o cara que este perdeu três dentes e ficou todo machucado. Os convidados que estavam no churrasco não conseguiram separá-lo para que parasse de bater no rapaz.

Diante do fato, e o medo estampado no rosto da mãe, apenas foi comunicado que Eleonora deveria estar sempre acompanhada dos pais, caso algum parente precisasse dormir em casa. O pai garantiu que isso eles sempre tomaram cuidado, porque ele sabe que qualquer coisa que acontecesse a amenina ficaria com trauma por toda a vida.

Haveria necessidade de denúncia, embora se sabe que o agressor também é uma vítima de algum problema familiar.

Conversando com a mãe após a sessão do marido esta disse que a outra irmã não foi à polícia, porque todos ficaram com pena do irmão adolescente, e preferem tomar conta dos filhos para não acontecer mais nada.

Depois de alguns encontros com a mãe, esta disse que está novamente apavorada, porque o irmão tentou novamente pegar a sobrinha e os tios estavam pensando seriamente em denunciá-lo à polícia. A família desconhece que, sendo a pessoa menor de idade, devem procurar o Conselho Tutelar para fazer a denúncia.

A avó materna de Eleonora, que é a mãe do rapaz, está com sérios problemas de coração, já foi operada há tempos, porém neste momento, precisará ser operada novamente em três meses.

Luisa relata que sofre muito com a doença da mãe, pois durante a noite ouve da sua casa a respiração ofegante da mãe, e pensa que se ela souber o que se passa com seu filho menor e as sobrinhas poderá não resistir a tal choque. Gostaria que a mãe fosse operada e depois soubesse o que está acontecendo

com o filho, porém que depois vem o pós-operatório e outras coisas que retardaram o contar.

Luisa sabe da fragilidade do problema da mãe dela, e no próximo mês ela própria será operada dos dois pés, por causa de uma deficiência de nascença. Está preocupada porque vai precisar da mãe e também desse irmão porque não poderá colocar os pés no chão por quatro meses.

Comenta que gostaria de poder voltar a ter confiança no irmão, mas não consegue, porque já fez coisas com a sobrinha e parece que continua fazendo. Ela vai pensar melhor, como fará para Eleonora ir à escola sem precisar dele, enquanto ela se recuperará.

A psicóloga atendeu o caso inicialmente através de consultas terapêuticas, para a mãe de Eleonora, porque foi percebido que precisaria de uma abordagem mais ampla envolvendo a família.

Partiu-se da hipótese de que a mãe deveria ser atendida em todo o seu problema de relacionamento afetivo com a avó e, assim sendo, entender melhor a filha, deixando-a aprender as situações cotidianas da vida, podendo estar junto da Eleonora de forma mais amadurecida, enfrentando os reais problemas da menina.

Luisa por várias vezes durante as sessões, dizia que tinha medo de soltar a filha no mundo, sentia que esta não estava preparada para muitas coisas, além de vê-la como criança muito pequena.

EVOLUÇÃO DO CASO

A percepção da mãe foi crescendo a cada encontro, a ponto de lembrar que ela tinha sido muito protegida pelos familiares e estava fazendo o mesmo com a filha, também muito protegida, mas sem a devida vivência e experiência.

Luisa nasceu com um problema nos pés e, com isso, toda a família tomou conta dela como um bebê, pois ela precisou de várias intervenções cirúrgicas. Não podia colocar os pés no chão por períodos longos de tempo, dependendo de todos os irmãos e da própria mãe. Sente que recebeu muita atenção de todos e acreditava que era assim que se tratava de um filho.

Através de consultas terapêuticas, ela pôde perceber que os medos foram diminuindo e as dificuldades da filha foram dando lugar para novas descobertas e que a sua maior surpresa eram os comentários da filha. Ela chegou a dizer para a mãe que sempre teve vontade de tomar banho sozinha e a mãe nunca deixou. Sempre quis tentar fazer a lição, mas mãe fazia por ela e não explicava como a professora.

Um dia a mãe foi à escola e assistiu a uma aula de matemática para poder entender a lição e poder explicar para a filha. A professora deixou, mas avisou que ela deveria deixar que a menina fizesse a lição. Chegando em casa, a mãe passou a explicar que ela já tinha entendido e que faria sozinha toda a lição. A mãe espantou-se quando viu que a menina havia conseguido fazer as contas e certas.

Luisa foi se acostumando a encontrar coisas que a própria filha poderia estar fazendo só, e que ela, como mãe, ainda fazia. Eleonora melhorou consideravelmente na escola e também em relação aos colegas, as mudanças foram visíveis para todos que conviviam com ela.

A auto-estima cresceu em ambas, mãe e filha. A mãe chega a fazer alguns comentários de que se ela tivesse vindo antes em busca de atendimento ela poderia ter reparado as coisas antes e facilitado a vida da filha, para poder viver sem medo, com ela tinha vivido até então.

Durante as entrevistas a mãe dizia que as professoras acreditavam que a Eleonora precisaria de uma psicopedagoga, porque seus problemas de aprendizagem não melhoravam com o passar dos anos. Durante as aulas ela

prestava atenção e entendia, porém, no dia seguinte, ela não lembrava de mais nada, era necessário explicar tudo novamente.

Com o passar dos meses, em que a mãe estava sendo atendida em consultas terapêuticas, a menina passou a fazer a lição sozinha, e reter o que aprendia, chegando a receber elogios de uma das professoras, que ela estava muito esforçada. Em casa a menina disse à mãe que sempre quis aprender, mas não sabia porque não guardava as lições na cabeça.

Não se considerou necessário o encaminhamento de Eleonora com a psicopedagoga, em função das dificuldades escolares de aprendizagem da filha, pois esta passou a entender o que a professora explicava sem a ajuda da mãe em casa.

Quanto ao problema do tio, a mãe está mais atenta, quando ele está ou não em casa. Quanto a questão de contar ao pai, a mãe está com mais coragem e sobre a questão de fazer a denúncia ao Conselho Tutelar, disse que pretende esperar a irmã com o cunhado resolverem o que fazer, mas a saúde d avó está passando na frente de qualquer outro problema.

Torna-se importante ressaltar, neste momento, que os casos devem sempre ser notificados, por ter colocado uma criança em risco.

Vale ainda verificar que a situação de abuso sexual com Eleonora não vem se repetindo, porque, se essa situação se mantivesse, a postura do profissional teria de ser necessariamente, por força da lei, a de comunicar aos órgãos competentes.

DISCUSSÃO DO CASO

A criança é um ser em desenvolvimento e cabe aos responsáveis estarem atentos à melhor evolução desta, levando em conta as características individuais e de cada ser.

No caso de Eleonora, percebem que a mãe se sentia misturada emocionalmente com a filha, que não conseguia perceber que a criança já poderia fazer inúmeras coisa por si só.

E, no caso do tio, ela não preveniu a filha de nada, porque a considerava um bebê e portanto, o desespero que sentiu quando soube que o seu irmão poderia ter causado mais dano a filha.

Luis passou a enxergar que a menina tinha crescido e que nove anos era bem diferente de dois anos de idade, como certa vez comentou. Percebeu que não viu passar o tempo em relação ao crescimento da filha e, como o pai viajava muito, ela se ligou muito à menina e as situações foram se desenvolvendo dessa maneira, sem que ela pudesse se dar conta antes.

Catafesta (2006, p.21) ressalta que com a intervenção precoce diante das dificuldades tanto da criança, como da família, podem-se evitar tratamentos muito prolongados:

Intervir nos primeiros de vida mostra-se vantajoso por vários motivos. Previne-se primeiro que perturbações se instalem e se compliquem ao longo da história do indivíduo, com a sobrecarga de dificuldades naturais e sucessivas advindas das diferentes etapas do desenvolvimento. Poupa-se assim sofrimento à criança em desenvolvimento e à família. A intervenção bem sucedida pode evitar a necessidade de tratamentos prolongados na vida futura do indivíduo, já que se interferiu para evitar o agravamento dos distúrbios iniciais da vida mental, com perturbações que poderiam requerer sua reconstrução sadia.

E ele continua, dizendo: A criança, como adulto, necessita de um interlocutor: alguém que decifre sua comunicação e ofereça meios para a superação dos obstáculos existentes. Os pais, por vezes, possuem recursos emocionais e experiência para cumprir tal tarefa. Quando não, podem buscar auxílio com algum profissional de saúde: médico, psicólogo, fonoaudiólogo.

Cabe aqui considerar que se os pais procuram ajuda é porque desejam receber auxílio, no sentido de prover melhores condições para o desenvolvimento de seu filho. Temos então não somente a criança que necessita de ajuda, mas uma família inteira.

Todos saem ganhando com a intervenção precoce, portanto, quanto antes for identificado o problema, mais rápido poder-se-á realizar um trabalho eficiente.

A mãe assustou-se com o intenso choro da filha e, em sua impossibilidade de falar com ela, sensibilizou-se em busca de um atendimento psicológico.

É necessário lembrar que o tio materno também necessita da avaliação e atendimento (além de se pensar na denúncia e no cuidado a se tomar com as meninas da família), tal orientação foi dada, mas, diante das dificuldades apresentadas, houve um espaço de tempo até ele ser convidado a comparecer à Clínica. Recentemente, foi feito um contato com ele, por um colega, e está sendo marcado um dia para tal atendimento.

Luisa não havia tomado consciência da idade da sua filha nem que esse problema poderia chegar na sua família; observava a situação da sobrinha e de seus pais, mas não imaginava que poderia alcançar a sua filha, por isso, nada fez para evitar algo com a Eleonora.

Nota-se que o primeiro contato da criança com o mundo é a família, portanto, o ponto básico a ser tocado em uma terapia deve ser os pais ou responsáveis, pois quando aparece algo que a criança já é o sujeito da ação de alguma maneira é em decorrência de atores e pessoas ao seu redor.

Se o vínculo afetivo dos pais em relação à criança for adequado, provavelmente ela suportará uma separação por mais de uma semana, na idade de um ano até cinco, sem trazer consequências atuais e futuras. A criança saberá suportar a separação porque confia no amor que os pais têm por ela.

Neste caso exposto, há várias situações que devem ser abordadas:

É preciso tratar os dois lados do problema, a vítima e o agressor; a menina é uma criança e o agressor é um adolescente, ambos precisam de ajuda, bem como a família toda; a mãe ainda sente receio em contar ao pai, não sabe o que poderá acontecer na família diante da reação do pai; e outros problemas que a família deve enfrentar para solucionar a situação, a questão do avó, a operação da mãe e sua impossibilidade em andar por alguns meses.

As perguntas formuladas são de várias naturezas e com respostas diversas para o caso em questão, e também para outros casos que demandam semelhante problema, mas que deve ser analisado de forma individual com os diferentes matizes que requer cada caso. O mais importante neste atendimento é que Luisa está mais atenta a tudo o que está ocorrendo ao seu redor, e vê a necessidade de ser feito algo e não esperar acontecer.

Faz-se presente a necessidade de uma abordagem multidisciplinar diante de tais situações. Vários psicólogos estão implicados no caso. Um psicólogo para o atendimento da prima de Eleonora (encontra-se em atendimento por outro integrante do Laboratório APOIAR); e a autora deste com Eleonora; outra psicóloga para o atendimento do tio materno; um advogado para posicionar os trâmites das leis e até acompanhar o processo na justiça; médico para avaliar as possíveis situações físicas que foram expostas às crianças.

No estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, existem artigos que defendem a criança e o adolescente em vários estágios da sua vida. No caso descrito, temos uma criança de nove anos e um adolescente de 15 anos, ambos com problemas, em que a lei defende e ajuda a ambos. Quando há uma pessoa que sofre em função de uma agressão, o causador também é considerado uma vítima e precisa de ajuda.

Após consulta ao Estatuto da Criança e do Adolescente percebe-se que o mesmo deixa claro que precisa receber ajuda os que têm na faixa de idade a pessoa até 12 anos e os que compreendem de 12 a 18, portanto a prestação

de serviço se faz necessária tanto em relação a um como em relação a outro. Ambos são vítimas.

O trabalho foi realizado com atendimento psicológico em casos com tramitação jurídica, sendo que, em um dos casos, a família da vítima procurou pelo atendimento, e em outro caso, a justiça encaminhou para ser realizado o acompanhamento psicológico do rapaz internado em uma Unidade da Febem.

Chegou-se às seguintes conclusões nos dois casos:

Verificou-se que tanto a vítima quanto o agressor, assim como os familiares envolvidos e responsáveis precisam de cuidados e merecem a oportunidade de receber atendimento psicológico, com fins de minimizar o impacto dos sofrimentos dos processos jurídicos nos quais estão participando e de aliviar os efeitos individuais e coletivos da violência.

As narrativas dos sujeitos contêm elementos persecutórios em comum, como o sofrimento envolvendo danos morais, vergonha desprezo, medo, perseguição e o conflito intenso contínuo, além da instabilidade emocional que se processa no cotidiano da vivência do sofrimento impactante, como no contato com o sistema judiciário.

No caso de Eleonora ,foram significativas as melhoras em função das dificuldades que foram sendo descobertas ao longo das consultas terapêuticas com a mãe, porém ainda permanecem questões como as que trouxeram Luisa a procurar uma ajuda psicológica para sua filha, em relação ao seu irmão.

A menina não quer estar perto do tio, e a mãe compreende, respeita a sua posição, mas é uma posição que traz muito sofrimento. A própria mãe relata que não consegue tratar mal o irmão, embora algumas vezes sente repulsa quando o vê.

A história de cada família é única diante do contexto vivido, portanto é preciso ser investigadas com profundidade determinadas situações que acontecem diante da procura para a realização do atendimento psicológico.

5. DISCIPLINA: PREVENÇÃO É MELHOR QUE PUNIÇÃO

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Vasconcellos (2004) diz que: O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas.

Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender. Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

As relações estabelecidas com as crianças são marcadas por bons ou maus momentos. Nos bons momentos prevalecem impulsos de amor, gratificação de ambos os lados. Já nos maus, prevalecem impulsos de raiva, frustração, agressividade, também de ambos os lados. Para começar a entender o que se passa no instante em que começa a se desencadear uma verdadeira batalha, temos que analisar os dois lados da relação que são: o adulto e a criança, situados num mesmo tempo e espaço interagindo numa dinâmica rede de relacionamentos formada por diferentes personalidades, desejos e expectativas.

É neste contexto que a disciplina acontece. Entende-se por disciplina um “conjunto de regras éticas (respeito ao bem biopsicossocial) para atingir um objetivo”. A disciplina pode ser: treinada - lei do prêmio e do castigo; adquirida - autodidatismo e aprendida - uma pessoa ensina a outra como e por que ser bem educado; absorvida - através de admiração uma pessoa serve de modelo para a outra que absorve seus valores, posturas psicológicas e gestos corporais e os pratica por prazer.

Na escola é papel dos educadores, estabelecerem regras escolares e comunitárias, que são mais claras e definidas. No caso de desrespeito, o aluno leva uma advertência. Na sociedade, as autoridades sinalizam as regras através das leis, que quando infringidas, são pagas por penalizações. Por estes motivos os filhos precisam ser educados com vista no futuro.

As situações de conflito atuais servem de base para as que ocorrerão num contexto maior. Se ajudarmos a criança a entender o que passa com ela no momento de birra, contendo seus impulsos agressivos, mas deixando que extravase a sua ira, raiva ou frustração, estaremos contribuindo para que ele desenvolva auto-controle, caráter, responsabilidade, senso de valores, bom senso, empatia pelos seres humano e outras criaturas, e acima de tudo, a auto-disciplina.

5.1. A POSTURA DO EDUCADOR

O educador deve estar cada vez mais preparado para a realidade, saber lidar com os problemas que irão aparecendo ao longo de sua carreira. Saber que o que funciona com uma turma, não necessariamente funciona com outra. Quando se deparam com os problemas de indisciplina, alguns não sabem o que fazer, outros acham que devem ser radicais e não tolerar nenhuma atitude que demonstrem desrespeito à sua autoridade, outros acham que sendo camaradas, liberais não terão que enfrentar esse problema. Diante deste quadro, os professores geralmente optam por impor disciplina custe o que

custar, assume logo a principio algumas atitudes, que podem o tornar menos flexível ao longo do ano:

- * Mostra-se sério nas primeiras aulas;
- * Impede ou limita as saídas durante a aula;
- * Dispõe os alunos em lugares fixos de modo a favorecer a concentração e a cooperação.

Vasconcelos (2004) alerta para algumas características que os educadores procuram ter: aberto, crítico, consciente, com proposta pedagógica significativa, não querendo reproduzir a prática autoritária, mas não tendo clareza da nova postura, se perder no meio do caminho: na busca de uma postura libertadora, pode acabar chegando a uma postura liberal-espontaneísta (falta de compromisso, de responsabilidade, de disciplina, de conteúdo, etc). O professor pode ser um agente da indisciplina em sua sala de aula quando:

- * Tem péssimo domínio de classe - professor pouco criativo, sem iniciativa para reger a aula, sem pulso firme, desorganizado na distribuição de tarefas e extremamente passivo.
- * Emprega constantemente a mesma técnica - torna as aulas monótonas e previsíveis assim como cansativas e chatas.
- * Tem conhecimento deficiente da matéria - não esta seguro do que ensina tornando-se impaciente nas hora de perguntas difíceis. Logo, se o professor não domina a matéria, os alunos não lhe dão crédito.
- * Tem ação isolada - apenas alguns professores se esforçam para manter o ritmo disciplinar da sala.
- * É impontual - tanto na hora da chegada quanto na hora da saída ou mesmo impontualidade no sentido de adiar os trabalhos sem motivo justificado.

* Tem personalidade desajustada - professores neuróticos que provocam bastante atrito em classe, sendo o adolescente muitas vezes irritadiço, é de se esperar que o professor seja emocionalmente equilibrado.

5.2. ESTILOS DE ENSINO

É claro que há tantos estilos de ensino quanto são os professores, pois somos todos indivíduos que trabalham de forma única. Por outro lado, há certos aspectos de nosso estilo individual sobre os quais podemos tomar decisões conscientes, que nos ajudarão a monitorar o comportamento dos nossos alunos.

Há muitos fatores diferentes que caminham juntos para caracterizar um estilo de ensino: sua aparência, o modo como fala, o modo como mantém o controle, na verdade tudo o que você faz acrescenta-se à percepção que seus alunos tem de seu estilo. E um estilo de ensino eficaz mostra à turma que você está no comando. Seus alunos querem um professor que eles acreditem que esteja no comando, dessa forma, podem se sentir seguros dentro dos limites que você estabeleceu, seguros no conhecimento de que o que você diz tem fundamento, mostrar que você está no comando pode ser uma idéia particularmente difícil de alcançar.

Você pode sentir que os outros professores parecem ter uma habilidade natural para aparentar estar no controle, enquanto você se debate no escuro, pouco seguro a respeito de como isso é feito. O que você quer atingir é uma posição elevada em sala de aula para que seus alunos levantem os olhos para você, o respeitem e conseqüentemente, se comportem. No entanto, ao mesmo tempo você deveria preservar a impressão de que também é humano e que vê cada um e todos os seus alunos como um indivíduo importante.

O professor é uma presença física em sala de aula e muito do que você transmite para seus alunos é feito por meio do corpo, tanto consciente como inconscientemente. Olhar para sua postura corporal é, afinal de contas, uma das principais formas de seus alunos o perceberem. É importante pensar cuidadosamente a respeito dos aspectos físicos da sua personalidade docente, sobretudo se o professor não é naturalmente bom em parecer “no comando”. A forma que se utiliza o espaço no qual ensina transmitirá uma mensagem que abrange muitos elementos a respeito de seu estilo e sobre se você esta no comando.

5.3. APRIMORANDO OS ESTILOS DE ENSINO

Uma vez que o professor tenha decidido a respeito de qual estilo de ensino deseja adotar, há varias formas pelas quais pode aprimorar ainda mais seu próprio estilo. Talvez seja naturalmente engraçado e certamente deveria utilizar esse aspecto de sua personalidade. Você pode ser grande, fisicamente imponente e mais uma vez o estilo de ensino provavelmente será estabelecido a partir desse fato você pode também ser uma pessoa real, tentando fazer com que os alunos sintam que você gosta deles e está interessado nos assuntos que os interessam, converse sobre o comportamento deles e envolva-os na tomada de decisões sobre sua forma de conduzir a aula. Se conseguir colocar seu aluno do seu lado, mostrando-lhes que é humano, a vida se tornará muito mais fácil para a aula.

5.4. A IMPORTÂNCIA DE PROCURAR AS CAUSAS DA INDISCIPLINA

Saber como o ser humano se desenvolve moralmente é essencial para encontrar as raízes da indisciplina. Antes de entender por que precisam agir

corretamente, as crianças pequenas vivem a chamada moral heterônoma, ou seja, seguem regras à risca, ditadas por terceiros, sem usar a própria consciência para reelaborá-las de acordo com a situação. Por exemplo: se elas sabem que não se deve derramar água no chão, julgam o fato um erro mesmo no caso de um acidente. Nessa fase, a autoridade é fundamental para o bom andamento das relações.

Por volta dos 9 anos, abre-se espaço para a moral autônoma, quando o respeito mútuo se sobrepõe à coação. Mas a mudança não é mágica. O cientista suíço Jean Piaget (1896-1980) questionava a possibilidade de a criança adquirir essa consciência se todo dever sempre emana de pessoas superiores. Assim, é possível dizer que a autonomia só passa a existir quando as relações entre crianças e adultos (e delas com elas mesmas) são baseadas, desde a fase heterônoma, na cooperação e no entendimento do que é ou não moralmente aceito e por quê. Sem isso, é natural que, conforme cresçam, mais indisciplinados fiquem os alunos.

A atuação docente inadequada em sala é outra causa da indisciplina. Embora os professores anseiem por uma solução, acham-se perdidos por não poder agir com rigidez de antigamente, que permitia até alguns castigos físicos. A autoridade do professor perante a classe só é conquistada quando ele domina o conteúdo e sabe lançar mão de estratégias eficientes para ensiná-los. Se não, como bem descreve o psicólogo austríaco Alfred Adler (1870-1937), a educação se reduz ao ato de o aluno transcrever o que está no caderno do professor sem que nada passe pela cabeça de ambos. “O resultado é o tédio. E gente entediada busca algo mais interessante para fazer, o que muitos confundem com indisciplina”. A escola é, sem dúvida, a instituição do conhecimento, mas é preciso deixar espaço para ação mental da turma.

Olhar para a sala de aula tendo como base essa concepção de indisciplina faz diferença. Os benefícios certamente serão maiores se houver o envolvimento institucional. Os benefícios certamente serão maiores se houver o envolvimento institucional. Por isso, o trabalho exige não apenas auto-reflexão,

mas também formação e esforço de equipe. Para transformar o ambiente, o discurso tem de ser constante e exemplificado por ações de todos. (NOVA ESCOLA, 2009)

5.5. A DISCIPLINA QUE DESEJAMOS

No cotidiano escolar a obediência está associada à disciplina. Agindo e pensando desta maneira, o educador acaba afastando o aluno e criando um clima de isolamento. Esse posicionamento é desumano, pois nega a existência do outro, tentando reduzi-lo. A disciplina almejada deve ser a que leve em consideração a participação, o respeito, a responsabilidade, a construção do conhecimento, a formação do caráter e da cidadania. Tratando a disciplina desta forma, os educadores estarão transformando a realidade de muitas classes. A disciplina precisa ter sentido, precisamos entender porque necessitamos de disciplina.

Vasconcellos (2004) diz que ninguém disciplina ninguém sozinho, os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade.

O educador pode colaborar nesse processo como articulador da proposta de uma disciplina adequada, levando a classe a assumi-la progressivamente, tendo como parâmetros as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula. O sujeito precisa se adaptar a uma série de valores, costumes, práticas sociais, etc. que fazem parte da sua cultura, mas ao mesmo tempo, deve estar atento para necessária transformação destes valores, praticas, naquilo que tem de desumano, de alienado que precisa ser superado.

A disciplina consciente e interativa pode ser entendida como processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo. Para que haja uma transformação neste campo, necessita-se de uma participação consciente e interativa. O aspecto coletivo da participação deve ser visto não como um processo despersonalizado, mas pelo

contrário, como principal instrumento de construção da individualidade. O professor é quem dirige o processo de construção da coletividade em sala de aula, ele não pode ser omissos, mas profundamente interativo, atento a tudo e a todos.

5.6. DICAS E FORMAS DE MEDIAÇÃO

São muitas as inquietações que educadores têm em relação ao problema da indisciplina, e varias perguntas de como resolver este problema. Educar é romper esta cadeia de alienação, é ativar o físico e a mente, é desenvolver todas as potencialidades lógicas e afetivas, é fazer funcionar cada um dos 16 bilhões de neurônio, verdadeiras usinas nucleares de criatividade. (VASCONCELLOS, 2004)

Educadores, educandos e escola precisam unir forcas para solucionar os problemas, avaliar a metodologia, promover reuniões pedagógicas para abordar o assunto, adequar o currículo, trabalhar unindo família e escola. É necessário valorizar e dar melhores condições de trabalho aos educadores, promover encontros de capacitação, melhorar o salário, estabelecer um critério de número de alunos por sala, fornecer equipamentos, deve ser flexível na aplicação de normas, promover atividades extra-classe, etc.

Coordenadores educacionais, professores e pais devem agir quando confrontados com um caso de indisciplina. Algumas dicas são enumeradas abaixo:

Pais:

- * Cultivar o respeito;
- * Confiar na escola, mas questioná-la quando achar necessário;
- * Não se envergonhar do filho indisciplinado;

- * Deixar o filho desabafar;
- * Estar disposto a conversar com todas as partes envolvidas;
- * Não assumir incondicionalmente a defesa do filho sem antes ouvir a versão da escola, da mesma forma, não duvidar do filho automaticamente; há muitos casos em que o adolescente tem comportamentos totalmente opostos em casa e na escola.

Professores:

- * Manter a calma;
- * Não tentar medir força com o aluno;
- * Não dar ordens sem explicar o motivo;
- * Pedir para o aluno sair da sala; se necessário, recorrer ao monitor ou orientador;
- * Encaminhar o caso à equipe pedagógica da escola;
- * Deixar claro para o aluno o que ele fez de errado;
- * Não punir a turma toda por causa de um aluno ou por um grupo.

CONCLUSÃO

Devido à complexidade do tema desse trabalho e a intensidade com que os problemas de indisciplina têm sido vivenciados nas escolas, nossa expectativa é de que essa revisão de literatura se enriqueça no confronto dos educadores com o diversificado cotidiano das instituições escolares de nosso país.

A disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e da dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgidos, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar.

Conclui-se que as escolas precisam desenvolver políticas internas para lidar de forma preventiva com a indisciplina, havendo também a necessidade de programas de formação de professores em serviço voltados para a discussão de problemas vivenciados nas rotinas das escolas, para a idealização de soluções e para sua implementação.

A educação sem esperança não é educação. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para se tornar concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura esperança, nem tampouco se alcança o que se espera na esperança pura, que vira, assim, esperança vã. Embora seja difícil e complexo lidar com o problema da indisciplina, o professor não pode desistir e nem se acomodar. Não pode deixar que a educação silencie e limite os alunos e que impeça seu desenvolvimento criativo e participativo em sala de aula. Precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CARVALHO, J. S. F. **Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais**. In: AQUINO, J. Q. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

COWLEY, Sue. **Fazendo os traquinas se comportarem**. Curitiba: Posigraf S.A, 2006.

DOBSON, James. **Ouse disciplinar**. S.L. Miami, 1994.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto: 2002.

FRANÇA, S. A. M. **A indisciplina como matéria do trabalho ético e político**. In: AQUINO, J. Q. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Curitiba *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 2001.

GARCIA, J. **A construção social da indisciplina na escola**. In: SEMINÁRIO DE INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 1. Curitiba: Atas, 2006.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar- Prevenção e intervenção no problemas de comportamento**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUEDES, Meibel Mello. **Educar filhos, um ato de amor**. Curitiba:

Serigraf, 1994.

JESUS, S. N. ***Influência do professor sobre os alunos***. Porto: Asa Editores, 2000.

LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, J. G. (Org.). ***Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas***. São Paulo: Summus, 1996.

MIDDELTON–MOZ. et al. **Bullying, estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, J. H. B. **(In)disciplina na sala de aula: perspectiva de alunos e professores**. **Psicologia, Educação e Cultura**, S.L. Lisboa, 2002.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J. G. (Org.). ***Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas***. São Paulo: Summus, 1996.

TARDIVO, Leila, et.al. **APOIAR: Novas propostas em Psicologia Clínica**. **São Paulo**: Sarvier, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. ***(In)disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola***. São Paulo: Libertad, 2004.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1994